



Entre o sagrado e o estigma: a (des)qualificação do feminino na Umbanda por meio da representação simbólica da Pombagira

Between the sacred and stigma: the (de)qualification of the feminine in Umbanda through the symbolic representation of the Pombagira

Clodoaldo Matias da Silva¹
Alexandre Figueiredo Pereira²

RESUMO

Este estudo investiga a representação simbólica da Pombagira nas religiões afro-brasileiras, com ênfase na Umbanda, buscando compreender como sua imagem articula disputas em torno da qualificação do feminino nos campos religioso, estético e político. O objetivo consiste em analisar, sob perspectiva crítica e interdisciplinar, os sentidos atribuídos à entidade, especialmente nas tensões entre sacralização, erotismo, poder espiritual e marginalidade. Com metodologia qualitativa de natureza bibliográfica, ancorada na hermenêutica histórica e nos estudos de gênero, foram privilegiadas análises sobre corporalidade ritual, performance feminina e epistemologias de resistência. A investigação estrutura-se em quatro eixos: a origem simbólica da Pombagira e suas relações no panteão afro-brasileiro; os arquétipos femininos e suas ambivalências; as representações acadêmicas e religiosas entre louvação e estigma; e sua atuação como figura subversiva e espiritualmente empoderada. Os resultados parciais indicam que a Pombagira expressa formas insurgentes de religiosidade que tensionam normas patriarcais e reconfiguram o sagrado por meio do corpo, da oralidade e da estética. Conclui-se que sua imagem opera como vetor simbólico de ressignificação das espiritualidades femininas negras, demandando revisão dos marcos analíticos tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Erotismo. Gênero. Pombagira. Religião.

ABSTRACT

This study investigates the symbolic representation of Pombagira within Afro-Brazilian religions, with emphasis on Umbanda, seeking to understand how her image articulates disputes over the qualification of

¹ Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Especialista em Antropologia Social, Antropologia Forense, Docência do Ensino em Antropologia, Ensino de Filosofia, Sociologia e História; Neuropsicopedagogia e Psicanálise Clínica; Psicanálise, Psicoterapia e Psicopatologia do Adolescente; e, Cultura Indígena e Afro-brasileira pela Faculdade do Leste Mineiro - FACULESTE. Graduado em Geografia pelo Centro Universitário do Norte - UNINORTE. Membro do Núcleo de Produção Científica e Editoração do Curso de Direito da UEA - NEDIR/UEA. Editor Assistente da Equidade: Revista Eletrônica de Direito da UEA. E-mail: cms.1978@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0610689835831570>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3923-8839>.

² Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá; pós-graduado em Língua Latina (2001) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); pós-graduado em Filosofia Geral pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro (2006); pós-graduado em Educação no Ensino Superior pela Faculdade CCAA-RJ (2008); graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1999) e licenciado pela mesma instituição (2000). E-mail: alexandrefiguer@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9149-0811>.

femininity in religious, aesthetic, and political fields. The objective is to analyze, from a critical and interdisciplinary perspective, the meanings attributed to this entity, particularly the tensions between sacralization, eroticism, spiritual power, and marginality. The methodology adopts a qualitative bibliographic approach grounded in historical hermeneutics and gender studies, prioritizing analyses of ritual corporeality, feminine performance, and epistemologies of resistance. The investigation is structured around four axes: the symbolic origins of Pombagira and her relationships within the Afro-Brazilian pantheon; the feminine archetypes embodied in her figure and their ambivalences; academic and religious representations oscillating between veneration and stigma; and her role as a subversive and spiritually empowered figure. Partial findings indicate that Pombagira expresses insurgent forms of religiosity that challenge patriarchal norms while reconfiguring the sacred through the body, orality, and aesthetics. It is concluded that her image functions as a symbolic vector for the resignification of Black feminine spiritualities, calling for a revision of traditional analytical frameworks.

KEYWORDS: Body. Eroticism. Gender. Pombagira. Religion.

* * *

Introdução

A Umbanda, como religião afro-brasileira marcada por sincretismos, territórios de resistência e ancestralidade em trânsito, abriga em seu panteão simbólico uma entidade feminina de expressiva complexidade: a Pombagira. Longe de ser apenas uma figura erotizada ou caricatural, ela corporifica tensões entre espiritualidade, gênero, poder e marginalidade, ocupando as encruzilhadas não só do espaço ritual, mas também do discurso social e do imaginário coletivo. A problematização de sua imagem permite revisitar os modos como o feminino é mobilizado nas dinâmicas religiosas brasileiras. Assim, este estudo parte da seguinte indagação: Em que medida a representação simbólica da Pombagira expressa a (des)qualificação do feminino no campo religioso, estético e político da Umbanda?

Diante dessa questão, torna-se necessário compreender como as construções discursivas que envolvem a Pombagira produzem camadas de visibilidade e ocultamento sobre os corpos e saberes das mulheres nas religiões afro-brasileiras. O ponto de partida não está na romantização da

entidade, mas no reconhecimento de suas múltiplas interpretações – ora sagradas, ora estigmatizadas – que atravessam gênero, raça e classe. Justifica-se, portanto, o aprofundamento teórico sobre sua posição simbólica como chave de leitura para as estruturas de dominação e subversão no interior dos terreiros e na cultura popular. Trata-se de um tema cujas implicações ultrapassam o campo religioso, alcançando as disputas por reconhecimento e justiça epistêmica.

No plano social e histórico, a presença da Pombagira articula-se com narrativas sobre o corpo feminino negro, sobre a sexualidade enquanto dispositivo de controle, e sobre a religiosidade como campo de resistência ancestral. Sua imagem reflete tanto as violências coloniais que associaram mulheres negras à devassidão quanto os movimentos de resignificação que emergem das práticas de axé. Assim, a relevância acadêmica reside em analisar criticamente os entrecruzamentos entre mito, rito e política de representação. Já no plano jurídico, interessa observar como os estigmas associados a essa entidade repercutem em processos de intolerância religiosa e criminalização simbólica do sagrado feminino.

No tocante à abordagem adotada, a presente pesquisa assume caráter qualitativo e natureza exclusivamente bibliográfica, assentando-se em uma leitura crítica de obras que tratam da religiosidade afro-brasileira, dos estudos de gênero e da produção simbólica do feminino. A metodologia fundamenta-se na hermenêutica antropológica, articulando análise textual, intertextualidade crítica e confronto teórico entre distintas perspectivas epistemológicas. Não se trata de explorar o terreiro como campo empírico, mas de compreender o modo como os discursos acadêmicos, históricos e literários constroem – e por vezes desconstroem – o corpo da Pombagira como território simbólico.

Para tanto, o artigo está estruturado em quatro seções principais. Após esta introdução, a primeira seção investiga a gênese simbólica da Pombagira, traçando suas origens e encruzilhamentos religiosos. A segunda seção analisa os arquétipos femininos em tensão, revelando os códigos de

sacralização, erotismo e poder presentes na entidade. Em seguida, a terceira seção problematiza os discursos religiosos e acadêmicos que ora louvam, ora marginalizam a Pombagira. Por fim, a quarta seção propõe uma leitura de sua imagem como potência espiritual de subversão e empoderamento. A conclusão retoma os pontos centrais, e as referências sustentam teoricamente os argumentos trabalhados.

Ao propor uma leitura crítica da figura da Pombagira como síntese de forças espirituais, políticas e sexuais, esta investigação busca contribuir para o aprofundamento das discussões em antropologia das religiões, estudos de gênero e epistemologias de matriz africana. Pretende-se ampliar o repertório analítico sobre a agência simbólica de entidades femininas nas religiosidades brasileiras, em especial aquelas historicamente lidas sob o signo da marginalidade. Mais do que descrever uma entidade, a proposta aqui apresentada é decifrar, no jogo das representações, os dispositivos que qualificam ou desqualificam o feminino em suas encruzilhadas religiosas.

Pombagira: gênese simbólica e encruzilhadas religiosas

No campo das religiões afro-brasileiras, a construção simbólica da Pombagira emerge como um processo em constante reelaboração, articulando elementos do Candomblé, da Umbanda e da cultura urbana de matriz popular. A presença de características sincréticas em sua conformação ritual evidencia a sobreposição de registros simbólicos distintos que se entrecruzam no cotidiano dos terreiros. É nesse entrelaçamento que a Pombagira adquire contornos próprios, distintos das Iyabás do panteão nagô, embora a ela sejam atribuídas funções espirituais específicas. Segundo Verger (2002), a matriz iorubana permanece como base mitológica, mas os deslocamentos históricos imprimem novas significações, o sagrado feminino afro-diaspórico, portanto, é tensionado por práticas que não cessam de reinventá-lo.

A recorrência da Pombagira em ritos de Umbanda revela a centralidade da encruzilhada como dispositivo simbólico onde forças divergentes se encontram sem serem anuladas, a figura da encruzilhada, como afirmam Simas e Rufino (2018), não é apenas um espaço geográfico: ela é uma arquitetura ontológica do movimento, da transgressão e da negociação. A Pombagira não ocupa esse espaço de maneira passiva, mas o transforma em palco de expressão ritual e política. Nessas intersecções, a entidade se afirma como corpo que escapa às taxonomias fixas de gênero, classe e moralidade. Como observa Lody (2006), a religiosidade afro-brasileira opera por meio de signos encarnados, onde o corpo e a palavra caminham juntos, assim, a Pombagira se inscreve nas encruzilhadas discursivas e rituais que fundam sua existência.

Ainda que frequentemente associada a Exu, a Pombagira não é um reflexo feminino do orixá, mas uma entidade autônoma com atributos próprios, muitas vezes ressignificados nos processos urbanos da Umbanda. A associação com a sexualidade e com o desejo, longe de reduzir sua potência, complexifica sua leitura e a aproxima de categorias do excesso e do liminar. Em diálogo com essa perspectiva, Meyer (1993) aponta que a Pombagira é resultado de uma alquimia cultural que funde a figura da mulher marginalizada com as potências femininas da ancestralidade. Andrade (2006) reforça que os pontos riscados e cantados atribuídos à entidade revelam a pluralidade de caminhos pelos quais ela transita, assim, o que está em jogo não é a identidade da entidade, mas o fluxo de sentidos que a encruzilhada convoca.

Esse fluxo simbólico não é abstração: ele se materializa em corpos, vestimentas, cantos, cheiros e gestos, que constituem a performance da Pombagira nos rituais. De acordo com Silva (2000), é na incorporação que a agência da entidade se efetiva, fazendo do corpo do médium um território de articulação entre o visível e o invisível. As tensões entre tradição e reinvenção emergem com força nos modos como a entidade é evocada e representada. Augras (2000) analisa essa ambiguidade como constitutiva de

uma libido que circula entre o sagrado e o profano, mas que nunca se esgota em nenhuma dessas categorias. A Pombagira, portanto, ocupa um espaço que transborda a dicotomia entre ordem e desvio, tal configuração amplia o campo de leitura sobre os sentidos do feminino na religiosidade afro-brasileira.

Não obstante as camadas simbólicas que envolvem a Pombagira, é necessário considerar que sua gênese está marcada por práticas de resistência, sobretudo no que diz respeito à memória de mulheres subalternizadas nas estruturas coloniais. Sodré (1997) destaca que a corporalidade negra é atravessada por liturgias que fundem estética e ética em experiências comunitárias de afirmação. Nesse sentido, a Pombagira não representa apenas uma entidade religiosa: ela corporifica uma história coletiva de enfrentamento e deslocamento. Simas (2021) sublinha que o Brasil não entenderá sua própria história sem compreender as epistemologias do axé. A figura da Pombagira, portanto, é um capítulo dessa história que exige leitura atenta, sem as lentes reducionistas da moral burguesa ou da racionalidade cristã.

A oralidade, como tecnologia de transmissão simbólica, cumpre papel central na constituição da Pombagira como entidade polifônica e multissituada, em seu estudo, Lody (2006) demonstra que os saberes rituais são inscritos na voz, nos gestos e nas práticas partilhadas, o que distancia a Pombagira de categorias fixas e sistematizações dogmáticas. Verger (2002) já havia chamado atenção para o papel das cantigas como arquivos vivos da religiosidade afro, e nesse ponto, os pontos cantados compilados por Andrade (2006) revelam que a performance da Pombagira não é apenas invocação, mas criação contínua de si. Essa dimensão performativa da entidade confere-lhe a capacidade de circular entre mundos, desafiando fronteiras discursivas, étnicas e religiosas.

Nesse sentido, é pertinente observar que os atributos conferidos à Pombagira – como sensualidade, riso, ironia, elegância e insubordinação – não decorrem de uma imposição externa, mas de uma inscrição simbólica

complexa, negociada nas práticas rituais. A análise de Meyer (1993) reforça que há uma genealogia popular e feminina que se projeta sobre a entidade, articulando sofrimento, prazer e força. O campo semântico que envolve seu nome é disputado e em constante reconstrução, o que impede sua fixação em categorias teológicas tradicionais. Simas e Rufino (2018) defendem que é exatamente essa indeterminação que garante sua potência crítica no interior do panteão umbandista, assim, a Pombagira se impõe como figura de trânsito, mediação e travessia.

Diferentemente das Iyabás do Candomblé, a Pombagira da Umbanda ocupa um lugar menos hierárquico e mais transversal, vinculando-se diretamente às experiências urbanas, periféricas e femininas. Essa característica lhe confere certa horizontalidade simbólica que desloca o eixo do poder espiritual para zonas mais próximas da vivência cotidiana. Conforme aponta Augras (2000), o simbolismo da Pombagira opera sobre a libido social, desconstruindo normas que regulam o comportamento de mulheres nas estruturas religiosas convencionais. Essa plasticidade simbólica amplia as possibilidades de leitura sobre sua gênese, indicando que sua origem não está no mito fixo, mas na experiência relacional com o mundo e com o corpo, tais aspectos evidenciam a urgência de interpretá-la a partir de paradigmas abertos à pluralidade.

Além da figura em si, é relevante analisar como a Pombagira representa um tipo de linguagem do sagrado que desafia os padrões normativos de religiosidade institucionalizada. Sua performatividade se realiza através de um corpo que fala, dança, fuma, canta e seduz, ou seja, um corpo que age politicamente ao subverter os discursos hegemônicos sobre o feminino. Silva (2000) sustenta que o corpo em transe rompe com a lógica da passividade religiosa, instaurando uma gramática própria da corporeidade espiritual. Dessa forma, as encruzilhadas não são apenas topografias do rito, mas metáforas das múltiplas inscrições da entidade na vida social, esses deslocamentos simbólicos estabelecem pontes com o que será aprofundado na seção seguinte.

Na próxima seção, será desenvolvido o debate sobre os arquétipos femininos atribuídos à Pombagira, com ênfase nas tensões entre erotização, sacralidade e potência. Serão exploradas as formas pelas quais sua imagem tensiona os códigos morais e religiosos tradicionais, evidenciando disputas simbólicas em torno do corpo e da sexualidade. O objetivo será aprofundar a análise sobre os modos como a entidade mobiliza o desejo, a estética e o poder como formas de presença ritual. Para tanto, será necessário compreender a lógica de sacralização que opera na construção de seus atributos simbólicos, tal abordagem permitirá investigar como a Pombagira escapa à lógica da dicotomia e afirma-se como figura-limite entre o profano e o divino.

O arquétipo feminino em tensão: sacralização, erotismo e poder

A figura da Pombagira, ao condensar erotismo, espiritualidade e desvio moral, desestabiliza os códigos patriarcais que tradicionalmente enquadram o feminino em molduras disciplinares e binárias. Essa desestabilização não se dá por meio da negação do desejo, mas pela sua centralidade enquanto linguagem ritual e política de existência. Como aponta Butler (2003), a performatividade de gênero não decorre de uma essência, mas da repetição de atos culturalmente normativos que podem ser subvertidos. Nesse sentido, a Pombagira mobiliza gestos, roupas e entonações que desorganizam os limites do gênero hegemônico, a tensão entre sedução e subversão presente em sua performance ritual torna visível a política do corpo encarnado na espiritualidade.

A leitura dos atributos femininos na Pombagira revela uma colagem de arquétipos contraditórios que, longe de se anularem, coexistem em tensão produtiva e histórica. O arquétipo da feiticeira, da santa, da marginal e da mãe emergem simultaneamente em sua construção simbólica. Em diálogo com essa ambivalência, Hooks (2019) defende que o corpo feminino negro foi sistematicamente erotizado e animalizado pelas estruturas coloniais e

religiosas ocidentais. Essa erotização forçada não impediu, porém, a agência sobre esse corpo, que encontrou na religiosidade afro-brasileira um território de reconstrução, é nesse ponto que a Pombagira se afirma como figura capaz de rearticular desejo e poder sem se submeter à lógica da contenção.

A densidade simbólica da entidade exige que se reconheça sua corporeidade como locus de resistência e criação, Weems (1993) problematiza a insuficiência das categorias ocidentais de feminismo ao propor o mulherismo africano como campo teórico sensível à espiritualidade e à ancestralidade negra. A Pombagira, inserida nesse contexto, não apenas representa uma mulher negra espiritualizada, mas incorpora saberes e potências silenciadas. A inscrição do corpo na linguagem do axé não responde às normas da domesticidade cristã, mas ao movimento, à energia e à fala. O erotismo que emana da entidade não deve ser lido como excesso, mas como elo entre prazer, política e memória.

Tais características permitem compreender que a feminilidade expressa por Pombagira escapa às fórmulas binárias da tradição cristã e ao essencialismo de gênero, Gonzalez (1984) aponta que a mulher negra brasileira, ao ser atravessada por raça, classe e sexualidade, é alvo de uma tripla opressão, mas também produtora de saberes dissidentes. No plano ritual, essa multiplicidade toma forma no corpo da entidade, que desafia tanto os estigmas da promiscuidade quanto os códigos da santidade. A tensão entre o sagrado e o profano não dissolve sua legitimidade espiritual: ao contrário, a expande para além das normativas eclesásticas, a entidade não simula feminilidade: ela a reencena em chave desobediente e radical.

Nessa perspectiva, a construção estética da Pombagira opera como linguagem política de ressignificação simbólica do corpo, segundo Silva (2016), o sagrado feminino ancestral se projeta na contemporaneidade por meio de expressões corporais que rompem com o silêncio e o apagamento. O batom vermelho, os saltos altos, as saias rodadas e os adornos exuberantes não são apenas ornamentos: são signos rituais de poder e inscrição. Essa estética desafia as leituras higienizadas do religioso e reinventa o feminino

no campo espiritual. A dança, o riso e a fala da Pombagira compõem uma gramática da presença que devolve dignidade a corpos historicamente silenciados.

O uso performativo do erotismo enquanto gramática espiritual exige uma leitura não moralizante das expressões rituais, para Fanon (2008), a sexualidade do colonizado é lida pelo colonizador como desvio e ameaça, sobretudo quando encarnada em corpos negros. A Pombagira, nesse sentido, encarna uma estética da insubmissão que confronta a lógica colonial do desejo, sua linguagem corporal não suplica reconhecimento: ela impõe visibilidade e desloca os centros de enunciação. A presença ritual da entidade, portanto, deve ser entendida como gesto político de enfrentamento e reconfiguração simbólica do feminino em territórios de exclusão.

Adicionalmente, é preciso observar como os discursos de sacralização operam paralelamente à erotização, Meyer (1993) assinala que a história da Pombagira não se reduz à devassidão, mas articula elementos de nobreza, dor, poder e justiça. Essa complexidade é frequentemente diluída pelas leituras reducionistas que classificam a entidade como manifestação de desejos terrenos. A performance da Pombagira, no entanto, articula transcendência e imanência de forma indissociável, tornando-se um desafio às categorias acadêmicas consolidadas, é na ambivalência entre loucura e lucidez, ordem e transgressão, que a entidade afirma sua legitimidade simbólica.

A materialidade dos rituais em que a Pombagira é evocada não deve ser compreendida como folclore, mas como prática discursiva e espiritual dotada de agência própria, conforme Ligiéro (2010), o imaginário ritual brasileiro se sustenta sobre uma herança cênica afro-diaspórica que corporifica o divino, a teatralidade da entidade, portanto, não é superficialidade: é densidade simbólica encarnada no gesto. Ligiéro e Zenícola (2021) reforçam que a performance no campo ritual traduz uma lógica de reencantamento do mundo, na qual o corpo comunica sentidos

interditados à razão ocidental, a Pombagira, nesse cenário, atua como mediadora entre o visível e o invisível, entre o permitido e o negado.

Como se pode perceber, os arquétipos que constituem a imagem da Pombagira não obedecem a uma linearidade, mas operam em circuito de intensidades e fissuras. A entidade condensa figuras contraditórias que se interpenetram e se tornam inclassificáveis diante da lógica religiosa normatizada, o poder que emana de sua presença ritual não é apenas espiritual, mas profundamente político e epistemológico. Weems (1997) defende que o mulherismo africano amplia os horizontes de análise ao incluir os elementos espirituais como dimensões legítimas de construção do sujeito, assim, o corpo da Pombagira torna-se território de disputa entre dominação e reinvenção simbólica.

A seguir, será analisado como o discurso acadêmico e religioso constrói, difunde e tensiona as imagens atribuídas à Pombagira, revelando as estratégias de controle e os movimentos de resistência que cercam sua representação. Essa análise se concentrará nas formas como a entidade é interpretada nas pesquisas, nas tradições orais e nas práticas institucionais, com especial atenção aos jogos de visibilidade e apagamento. A finalidade será compreender os mecanismos discursivos que sustentam sua marginalização e, simultaneamente, os que possibilitam sua permanência e potência simbólica, ao deslocar o olhar para o campo das narrativas, busca-se evidenciar os conflitos em torno do feminino no sagrado afro-brasileiro.

Entre louvação e marginalidade: o discurso religioso e acadêmico sobre Pombagira

As representações da Pombagira nas religiões afro-brasileiras situam-se em um campo discursivo marcado por ambiguidades que oscilam entre exaltação simbólica e criminalização moral. Essa ambivalência revela as disputas por significação que atravessam o campo do sagrado quando este é codificado em termos de gênero, sexualidade e subalternidade. No interior

da tradição umbandista, a Pombagira é ao mesmo tempo objeto de culto e alvo de desconfiança, sendo muitas vezes descrita como figura perigosa ou profana. Para Simas e Rufino (2018), essa oscilação é efeito direto da forma como o poder normativo lida com corpos espirituais não conformes, o discurso institucional tenta conter aquilo que transborda sua lógica de pureza e ordem.

Neste cenário, é importante observar como o saber acadêmico também participa da construção dessas imagens, ao passo que se posiciona entre a descrição e a interpretação crítica, nesse cenário, a Pombagira, muitas vezes vista como excêntrica ou folclórica, é tratada com desconfiança por discursos racionalistas que negligenciam sua densidade simbólica e política. Augras (2000) propõe que o campo acadêmico resiste em reconhecer a libido feminina como forma legítima de organização simbólica religiosa. A epistemologia ocidental, ao demandar racionalidade e contenção, tende a marginalizar expressões religiosas que operam por meio do excesso e do corpo, isso produz um apagamento intelectual das formas de espiritualidade femininas, especialmente quando encarnadas em figuras como a Pombagira.

Além disso, os discursos religiosos institucionalizados têm contribuído para associar a Pombagira ao desvio moral, reiterando categorias como possessão demoníaca ou promiscuidade, segundo Sodré (1997), a religiosidade afro-brasileira sofre constante deslegitimação por parte de estruturas religiosas hegemônicas que a percebem como ameaça simbólica. Essa rejeição ganha força quando a entidade em questão desafia diretamente os pilares do cristianismo, como pureza, humildade e submissão feminina. A Pombagira subverte esses elementos ao afirmar sua sexualidade, sua autonomia e sua sabedoria ritual, dessa forma, o discurso institucional tende a empurrá-la para os limites da tolerância, inscrevendo-a na fronteira entre fé e heresia.

A análise das falas populares³, no entanto, revela outra camada discursiva: a da oralidade ritual que ressignifica e sustenta a imagem da Pombagira como guia espiritual legítima e necessária. Conforme Silva (2000), as religiões afro-brasileiras operam por meio de redes de memória oral, que preservam sentidos muitas vezes apagados pela escrita oficial. A palavra falada, o ponto cantado e o gesto ritual são formas de produzir conhecimento sobre o sagrado feminino, ainda que esse conhecimento escape à validação acadêmica tradicional. Nesse aspecto, a oralidade é uma tecnologia de resistência simbólica que possibilita à Pombagira manter-se ativa e presente na vivência cotidiana dos fiéis, é nela que a entidade se narra e se reinventa.

Considerando essa pluralidade de vozes, torna-se evidente que a imagem da Pombagira não é fixa, mas atravessada por disputas entre o saber disciplinador e a sabedoria ancestral. Meyer (1993) identifica na construção da entidade um gesto de síntese entre o sofrimento histórico de mulheres subalternizadas e a reinvenção de sua agência espiritual. Essa construção, longe de ser espontânea, é produto de processos históricos de exclusão e reconfiguração simbólica. Assim, a presença da Pombagira como figura espiritual é resultado de uma política de enunciação que rompe com os silêncios impostos pela colonialidade, ao ser invocada em rituais, ela reativa essas memórias e inscreve novas possibilidades de subjetivação religiosa.

A criminalização simbólica da Pombagira tem como base o entrelaçamento entre moral sexual e controle social, operado historicamente

³ A formulação deste trecho decorre das observações iniciais realizadas durante o trabalho de campo desenvolvido para esta dissertação de mestrado, em terreiros de Umbanda onde se evidencia a centralidade da oralidade como forma legítima de construção e transmissão de saberes. A ênfase na “oralidade ritual” surge da constatação empírica de que as falas populares não apenas descrevem, mas performam e atualizam a presença espiritual da Pombagira, conferindo-lhe legitimidade e necessidade no plano simbólico e prático. Nesse contexto, a imagem da entidade é ressignificada por meio de narrativas que circulam nos ritos, nas consultas e nos cânticos, operando como formas de resistência e reinterpretação frente às representações estigmatizadas impostas por discursos externos. Ao reconhecer essas falas como camadas discursivas autônomas, a pesquisa propõe compreender a Pombagira não como figura marginal, mas como guia espiritual cuja autoridade emerge de um campo ritual vivo, situado, dinâmico e profundamente enraizado nas experiências coletivas da comunidade.

pela lógica patriarcal e cristã. Conforme Gonzalez (1984), os discursos hegemônicos sobre a mulher negra foram construídos a partir de sua sexualização compulsória e da negação de sua espiritualidade. A figura da Pombagira recolhe esses estigmas, mas os transforma em ferramentas de força e mediação espiritual. Sua performance religiosa não busca a purificação moral, mas a afirmação de um corpo marcado, porém agente. Tal deslocamento não é tolerado com facilidade pelo discurso dominante, que busca restaurar a ordem por meio da estigmatização do feminino insubmisso.

Para De Matta (1997), a oposição entre casa e rua no Brasil revela uma lógica de organização social profundamente moralizante, onde a rua é o lugar da desordem e da transgressão. A Pombagira, ao ocupar ritualmente os espaços da rua e da encruzilhada, associa-se simbolicamente a esse território do indesejável e do interdito. Essa associação não é neutra, pois carrega consigo o peso de uma história de exclusão racial, sexual e religiosa. Ainda assim, é na rua que a entidade constrói sua autoridade espiritual e política, instaurando um novo modo de existir no sagrado, o espaço marginal, nesse caso, torna-se espaço fundante de uma outra espiritualidade.

A produção acadêmica contemporânea tem ensaiado movimentos de reabilitação da imagem da Pombagira, embora com muitas hesitações. Simas (2013) propõe uma leitura da entidade a partir de suas práticas rituais, reconhecendo sua potência no campo da pedagogia espiritual e da política do corpo. Essa abordagem desloca o foco da entidade como figura moralmente duvidosa para um lugar de saber e articulação comunitária. Ainda assim, o academicismo ocidental persiste em demandar justificativas que enquadrem tais espiritualidades em suas categorias disciplinares, essa exigência limita a capacidade de escuta e de interpretação daquilo que se exprime fora dos parâmetros da racionalidade hegemônica.

A imagem da Pombagira circula, portanto, em um campo tensionado por interpretações concorrentes que oscilam entre louvor e estigma, nesse

cenário, Souza (1983) afirma que o tornar-se negro é um processo de enfrentamento e construção de subjetividade diante de discursos que negam a legitimidade do ser. Essa afirmação ecoa na performance da Pombagira, que, ao mesmo tempo em que é celebrada, é silenciada ou traduzida por vozes que não a reconhecem como produtora de espiritualidade legítima. Tais conflitos revelam que sua representação continua em disputa, sendo moldada pelas forças que a desejam calar e pelas vozes que insistem em fazê-la ouvir, entre o saber popular e o conhecimento acadêmico, a entidade se mantém como figura em constante reinvenção.

Essa condição liminar da Pombagira, atravessada por representações instáveis e discursos conflitantes, introduz um elemento fundamental para a próxima seção: sua potência enquanto figura de subversão espiritual e empoderamento feminino. A tensão entre o que a entidade representa e o que lhe é atribuído permite compreender os modos pelos quais ela se inscreve em uma teologia desobediente. A análise a seguir buscará aprofundar essa dimensão, explorando como a Pombagira se estabelece como sujeito ritual de enfrentamento às normas de gênero, espiritualidade e moralidade, com isso, será possível delinear sua relevância não apenas como símbolo, mas como força de reconfiguração das espiritualidades afro-brasileiras.

Subversão, espiritualidade e empoderamento feminino nas religiões afro-brasileiras

A Pombagira, enquanto entidade religiosa de matriz afro-brasileira, inscreve-se em uma espiritualidade que tensiona a norma patriarcal ao colocar o corpo, o prazer e a palavra como instrumentos de sacralização, nesse cenário, a subversão não se expressa por negação do sagrado, mas por sua resignificação a partir de uma ética radicalmente vinculada à experiência. Conforme Weems (1993), o mulherismo africano rompe com a lógica eurocêntrica do feminismo liberal ao reposicionar espiritualidade,

maternidade e ancestralidade como campos de poder. A Pombagira, nesse contexto, torna-se figura mediadora entre a ancestralidade encarnada e os conflitos da contemporaneidade, essa mediação não neutraliza a opressão, mas articula estratégias de sobrevivência.

Com efeito, ao tensionar os limites da moralidade sexual e religiosa, a entidade afirma-se como corpo insurgente, situado na interseção entre a opressão histórica e a invenção simbólica. Hooks (2019) defende que o pensamento feminista negro exige a consideração das dimensões espirituais do ser, frequentemente negligenciadas pelas epistemologias brancas e seculares. Na performance da Pombagira, o riso, o grito e a dança não são atos estéticos isolados, mas narrativas de resistência que se constituem nos rituais. Sua presença desobedece ao modelo racionalista de espiritualidade, deslocando o centro da experiência religiosa para a periferia dos corpos e das vozes racializadas, o sagrado, então, assume outras formas de legitimação.

Nesse sentido, a entidade invoca uma espiritualidade negra e feminina que, ao mesmo tempo que denuncia os legados coloniais, reinscreve outros modos de existência, Césaire (2022) sustenta que o colonialismo não apenas subjugou territórios, mas também capturou cosmovisões, silenciando formas autônomas de religiosidade e pensamento. A Pombagira, ao atravessar esse silenciamento, manifesta uma memória que se recusa à domesticação. Sua força não reside na imitação de modelos eurocristãos de sacralidade, mas na invenção de uma teologia da encruzilhada, onde o profano e o divino se misturam, tal invenção reativa epistemologias subterrâneas que desafiam o monopólio da verdade institucionalizada.

Além disso, a performance ritual da Pombagira reconfigura o campo simbólico ao instaurar outras possibilidades de gênero e subjetividade, Butler (2006) argumenta que o gênero é uma repetição performativa de normas que podem ser resignificadas pela ação. A entidade, ao ocupar o corpo do médium com gestos e falas que desorganizam a coerência de gênero, institui uma pedagogia do deslocamento. A feminilidade que a Pombagira encarna não é naturalizada, mas construída em trânsito com as

marcas da marginalidade, da sexualidade e da agência, essa construção não visa a estabilidade, mas a potência política da incerteza como forma de insurgência.

No campo da religião, essa insurgência se concretiza como enfrentamento ao monopólio masculino da mediação espiritual. Segato (2006) observa que o controle sobre os corpos femininos é fundante das estruturas patriarcais, inclusive nos sistemas religiosos. A Pombagira rompe essa lógica ao não reivindicar espaços clericais, mas ao instaurar sua própria forma de presença e autoridade ritual. Sua espiritualidade é direta, sensual e autônoma, desconectada dos códigos da obediência e do silêncio. Ela desafia o sacerdócio institucional não pela força da argumentação, mas pela força do rito que a invoca, a incorporação torna-se, assim, ato de reinscrição da subjetividade coletiva no campo do sagrado.

Em paralelo, a leitura do corpo como espaço de saber e liturgia é central para compreender a complexidade de sua atuação ritual, Silva (2016) interpreta o corpo feminino na dança como processo criativo de comunicação com o ancestral, no qual o gesto assume a função de linguagem. Na Pombagira, essa corporeidade torna-se veículo de ancestralidade viva, pois expressa uma linhagem interrompida e reconstituída na experiência rítmica. A dança não é apenas forma, mas força que atualiza uma cosmologia negada pelas estruturas coloniais, o corpo, nesse caso, deixa de ser objeto de controle para se tornar meio de invocação e ruptura.

Do ponto de vista histórico, o empoderamento simbólico da Pombagira se liga ao processo de tornar-se negra enquanto experiência de subjetivação anticolonial, Souza (1983) propõe que essa passagem não é biológica, mas política, construída na dor e na consciência da negação. A Pombagira, nesse sentido, encarna o retorno do reprimido colonial, investida de uma força que rearticula dor e prazer como tecnologias de resistência. Sua performance se realiza não no campo da redenção, mas na instabilidade dos sentidos, ao

emergir das dobras da história, a entidade fala com uma voz que carrega os ruídos da opressão e os cantos da liberdade.

Fanon (2008), ao discutir a alienação do sujeito colonizado, afirma que a linguagem do opressor cria o silêncio como norma, a Pombagira, ao tomar a palavra no rito, rompe essa normatividade ao instaurar um discurso que não se curva às exigências da linguagem colonial. Ela grita, canta, desafia e escarnece, produzindo uma outra gramática do sagrado, essa gramática não reivindica universalidade, mas opera na tensão entre oralidade e corporalidade. Sua enunciação é fragmentária e poética, pois nasce do excesso e não da síntese, com isso, a entidade inscreve uma teologia do incômodo, que desorganiza a pretensão de harmonia e completude da tradição eurocentrada.

Nesse mesmo movimento, Simas e Rufino (2018) leem a Pombagira como filosofia encarnada, cuja inteligência se expressa em atos que reorganizam o sensível, sua ação ritual não busca a paz do templo, mas a vitalidade da rua, do corpo e da encruzilhada. Tal filosofia não se funda em tratados, mas em gingas, improvisos e desafios, ao deslocar o centro da espiritualidade para a borda, a Pombagira ativa formas de pensar que não dependem da escrita, mas da experiência vivida. Essa desobediência epistemológica é também desobediência política, pois propõe outras formas de ser mulher, de ser corpo, de ser fé, assim, desloca o feminino da submissão para o feitiço.

Dessa forma, a representação simbólica da Pombagira expressa a (des)qualificação do feminino no campo religioso, estético e político da Umbanda por meio de um movimento dialético entre exclusão e reconfiguração. Ao ser lida pelas lentes do patriarcado como símbolo de desvio, a entidade é constantemente desautorizada por discursos religiosos e acadêmicos normativos. Contudo, ao mobilizar os códigos do corpo, da oralidade e da transgressão, a Pombagira reverte esse processo ao afirmar uma espiritualidade insurgente. Tal espiritualidade não apenas reivindica reconhecimento, mas institui novas gramáticas do sagrado a partir de

subjetividades historicamente silenciadas, é nesse limiar que se atualiza sua potência política, epistemológica e ritual.

Considerações finais

A investigação demonstrou que a figura da Pombagira opera como um campo simbólico de intensas disputas em torno da qualificação do feminino no contexto das religiões afro-brasileiras. Sua imagem articula múltiplas camadas de sentido, mobilizando elementos de erotismo, espiritualidade, ancestralidade e subversão. Ao longo da análise, constatou-se que a Pombagira não pode ser reduzida a um arquétipo estático, pois ela encarna formas plurais de agência ritual e política. A pesquisa confirmou a hipótese de que sua representação tensiona fronteiras normativas do campo religioso, assim, ela revela dinâmicas que questionam os limites entre fé e desvio, entre moralidade e emancipação.

As interpretações religiosas e acadêmicas que orbitam a figura da entidade são profundamente ambivalentes, ora reiterando estigmas, ora produzindo leituras contra-hegemônicas. Essas tensões evidenciam que a Pombagira está inserida em um sistema simbólico que tanto a criminaliza quanto a sacraliza. No plano analítico, isso permitiu identificar os modos pelos quais discursos institucionais procuram ordenar o sagrado a partir de uma lógica de gênero regulada. A resposta à questão proposta não está na superação dessa ambivalência, mas na leitura crítica de seus efeitos discursivos, dessa forma, a entidade reafirma seu papel como sujeito de conflito e transformação.

O estudo indicou que a potência simbólica da Pombagira reside na sua capacidade de convocar corporeidades dissidentes e reorganizar sentidos atribuídos ao feminino, à fé e à voz. Sua presença nos rituais não apenas reafirma espiritualidades periféricas, mas desloca os parâmetros dominantes de religiosidade. Trata-se de uma espiritualidade que se realiza nas margens e nas encruzilhadas, reconfigurando o campo do sagrado a

partir de experiências historicamente silenciadas. A dimensão estética da entidade, articulada à sua performance ritual, amplia os horizontes do debate sobre corpo, linguagem e sacralidade. Com isso, contribui-se para o aprofundamento das epistemologias negras e decoloniais.

Essa contribuição se estende também ao campo dos estudos de gênero e das religiões, ao promover uma revisão crítica dos paradigmas que excluem ou subordinam figuras femininas nas estruturas simbólicas do sagrado. A abordagem proposta reafirma a importância de se considerar experiências não hegemônicas como produtoras de conhecimento legítimo e transformador. A Pombagira, ao ser estudada por sua complexidade e não por reduções morais, revela-se enquanto chave interpretativa da religiosidade afro-brasileira. Ao compreender sua performance como prática de enunciação política, desloca-se a análise da crença para a agência, isso permite abrir caminhos teóricos mais sensíveis à diversidade religiosa e às disputas simbólicas contemporâneas.

A análise desenvolvida possibilita ainda reflexões ampliadas sobre espiritualidade como resistência e linguagem política, ao invés de tratar a Pombagira como objeto passivo da fé, foi possível abordá-la como sujeito ritual que rearticula formas de pertencimento e visibilidade. A relevância da pesquisa está em sua capacidade de entrelaçar história, religião e gênero, revelando como a produção simbólica sobre o feminino opera nos sistemas de crença. Ao mobilizar uma gramática do incômodo, a entidade exige o deslocamento das categorias analíticas convencionais, isso demonstra a pertinência de estudos que investiguem outras formas de organização espiritual fora dos padrões canônicos.

Futuros estudos poderão aprofundar os modos pelos quais a performance da Pombagira interage com a cultura popular, a arte e as linguagens da mídia, expandindo a compreensão sobre suas ressignificações contemporâneas. Há também espaço para investigações interdisciplinares que articulem religião, estética e política nas dinâmicas urbanas onde a entidade circula. A pesquisa, ao valorizar a escuta de narrativas não

institucionalizadas, reforça a necessidade de uma ciência comprometida com a pluralidade epistêmica. A Pombagira permanece como símbolo daquilo que não se submete: uma presença viva que interroga, desafia e transforma as formas de se pensar o sagrado.

Referências

ANDRADE, Hernani. *3333 Exú y Pomba-gira: puntos cantados y riscados*. [S.l.]: Editorial 7 Llaves, [2006]. v. 1. (Colección Pallas).

AUGRAS, Monique Rose Aimée. De Yiá Mi a Pomba-gira: transformações e símbolos da libido. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (Org.).

Candomblé: religião do corpo e da alma. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 177-192.

BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: Veneta, 2022.

DaMATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje. ANPOCS, p. 223-244, 1984.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher?* Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LIGIÉRO, Zeca. A mulher do malandro e as mulheres malandras... In: LIGIÉRO, Zeca. *Malandro divino: a vida e a lenda de Zé Pelintra*, personagem típico da Lapa Carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2010. p. 165-182.

LIGIÉRO, Zeca; ZENÍCOLA, Denise. *Dança entre dois mundos: escritos AfroAtlânticos de Robert Farris Thompson*. Rio de Janeiro: NEPAA, 2021.

LODY, Raul. *O povo de santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

MEYER, Marlyse. *Maria Padilha e toda sua quadrilha*: de amante de um rei de Castela a pomba-gira de umbanda. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

SEGATO, Rita Laura. *As estruturas elementares da violência*: ensaios sobre gênero entre antropologia, psicanálise e direitos humanos. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

SILVA, Tulani Pereira da. *“Divinas”*: o sagrado feminino ancestral e o feminino contemporâneo através do processo criativo em dança. Nilópolis: IFRJ, 2016. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Instituto Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O antropólogo e sua magia*: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2000.

SIMAS, Luiz Antonio. O ponta dribleador e o filósofo. In: SIMAS, Luiz Antonio. *Pedrinhas miudinhas*: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013. p. 59-72.

SIMAS, Luiz Antonio. *Umbandas*: uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Exu*: a filosofia da encruzilhada. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Quem tem medo da Pombagira? In: SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato*: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. p. 131-143.

SODRÉ, Muniz. Corporalidade e liturgia negra. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 343-350, 1997.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2002.

WEEMS, Clenora Hudson. *Africana womanism: reclaiming ourselves*. Troy, MI: Bedford Publishers, 1993.

WEEMS, Clenora Hudson. **Mulherismo africana**: uma visão geral. *The Western Journal of Black Studies*, v. 21, n. 2, p. 79-84, verão 1997.

Recebido em dezembro de 2025.
Aprovado em janeiro de 2026.